

# UMA TRAVESSIA EPISTÊMICA FRONTEIRIÇA: dois lados ao Sul<sup>1</sup>

*Un cruce epistémico fronterizo: dos lados hacia el Sur*

*An epistemic border crossing: two sides to the South*

**Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman<sup>2</sup>**

**Edgar Cezar Nolasco<sup>3</sup>**

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo uma leitura da obra ‘Si me permiten hablar...’ testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia (1999) transcrito e organizado pela brasileira Moema Viezzer a partir da noção de fronteira epistêmica. Para a leitura, utilizamos de uma metodologia bibliográfica pautada nos estudos descoloniais de críticos como Edgar Cézar Nolasco, Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, entre outros. Ademais, buscamos estabelecer interrelações entre nosso *bios* e o de Domitila, desde nossos discursos de sujeitos da exterioridade, além de pensar e escrever a partir de *loci* subalternos nós na/da fronteira-sul do Brasil e Domitila Chungara de um acampamento mineiro na Bolívia, pensada por meio de nossa condição de indivíduos que escrevem e vivem em um lócus geostórico fronteiriço específico, o estado de Mato Grosso do Sul, fronteira seca com os países Paraguai e Bolívia.

Palavras-Chave: *Si me permiten hablar*; fronteira-sul; Domitila Chungara; Bolívia; mineiros.

## **Resumen**

Este trabajo tiene como objetivo una lectura de la obra "Si me permite hablar ..." testimonio de Domitila, una mujer de Bolivia (1999) transcrita y organizada por la brasileña Moema Viezzer desde la noción de frontera epistémica. Para la lectura, utilizamos una metodología bibliográfica basada en los estudios descoloniales de críticos como Edgar Cézar Nolasco, Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, entre otros. Además, buscamos establecer interrelaciones entre nuestro *bios* y el de Domitila, a partir de nuestros discursos de sujetos de la exterioridad, además de pensar y escribir desde *loci* subalternos en la frontera sur de Brasil y Domitila Chungara desde un campamento minero en Bolivia, pensamos en nuestra condición de individuos que escriben y viven en un lugar fronterizo geohistórico específico, el estado de Mato Grosso do Sul, una frontera seca con los países de Paraguay y Bolivia.

Palabras claves: *Si me permiten hablar*; frontera-sur; Domitila Chungara; Bolivia; mineros.

## **Abstract**

This work aims to read the work ‘Si me permiten hablar...’ testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia (1999) transcribed and organized by the brazilian Moema Viezzer from the notion of epistemic frontier. For reading, we used a bibliographic methodology based on the decolonial studies of critics such as Edgar Cézar

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, 2020.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [juhgzman@gmail.com](mailto:juhgzman@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Literatura Comparada; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br)

Nolasco, Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, among others. In addition, we seek to establish interrelationships between our *bios* and Domitila's, from our speeches by subjects from outside, in addition to thinking and writing from subordinate loci we on / in the southern border of Brazil and Domitila Chungara from a mining camp in Bolivia, thought through our condition as individuals who write and live in a specific geo-historical border locus, the state of Mato Grosso do Sul, a dry border with the countries of Paraguay and Bolivia.

Keywords: *Si me permiten hablar*; south border; Domitila Chungara; Bolivia; miners.

## 1. Introdução

A partir de nosso *bios+lócus+teorias* advindos de nossa condição de *divíduos* (PESSANHA, 2018) escrevendo da/na fronteira geostórica-epistemológica do estado de Mato Grosso do Sul, procuramos escrever um ensaio biográfico fronteiriço por meio de um resgate de corpos e sensibilidades a partir de nossos corpos situados na fronteira. Prezando sempre pela vida (NOLASCO, 2018) daqueles mineiros bolivianos que “tiveram suas vidas dispensadas para acumular riqueza e morte” (MIGNOLO, 2008, p. 295) e de tantos corpos expelidos/espremidos/excluídos da “casa hegemônica” (MIGNOLO, 2017). Daqueles *divíduos* que foram lançados para uma exterioridade construída pela interioridade abissal que cria dois universos: “o deste lado da linha e do outro lado da linha”. (SANTOS, 2010, p. 32)

Assim, é na tentativa de aprender a ser desobediente a essas teorias modernas e essa divisão universal, que buscamos uma opção *outra* (*descolonial*) para re-teorizar e des-pensar o *cogito* cartesiano *Penso logo existo*, para pensar o *Ser donde si piensa* dos *divíduos* latinos, fronteiriços, bolivianos, mineiros e tantos outros não-modernos. Privilegiando sempre as epistemologias do Sul habitado.

Como estofado dessa conversa proposta nos valem da obra “*Si me permiten hablar...*’ testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia” (1999), da escritora brasileira Moema Viezzer. A obra é o resultado da transcrição e organização de entrevistas formais e conversas entre a boliviana Domitila Barrios de Chungara e a brasileira Moema Viezzer:

É o resultado de numerosas entrevistas que tive com ela no México e na Bolívia, de suas intervenções, conversas e diálogos [...]. Todo o material gravado, como também alguma correspondência escrita, foi ordenado e posteriormente revisado com Domitila, dando lugar ao presente testemunho (VIEZZER, 1999, p. 1 – 2)

O encontro entre as duas mulheres aconteceu no ano de 1975 na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas no México. Domitila Chungara foi representando o “Comitê de Donas de casa da Século XX”, um comitê que reúne as esposas dos trabalhadores mineiros da Século XX<sup>1</sup>(centro produtor de estanho):

A ideia do presente testemunho surgiu da presença de Domitila Barrios de Chungara na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas e

realizada no México, em 1975. Ali conheci esta mulher dos Andes bolivianos, esposa de um trabalhador mineiro, mãe de sete filhos, quem chegou na Tribuna em representação do “Comitê de Donas de casa do Século XX”, organização que agrupa as esposas dos trabalhadores daquele centro produtor de estanho. Seus anos de luta e o reconhecimento da autenticidade de seu compromisso lhe renderam receber um convite oficial das Nações Unidas para estar presente naquele evento. Única mulher da classe trabalhadora que participou ativamente naquela Tribuna em representação da Bolívia, suas intervenções produziram um profundo impacto entre os presentes. Isso se deu em grande parte, a que “Domitila viveu o que outros falaram”, segundo um comentário de uma jornalista sueca. (VIEZZER, 1999, p. 01)

A boliviana era a única representante da classe trabalhadora e o impacto de suas intervenções durante a Tribuna chamou a atenção da brasileira Moema Viezzer e dos demais presentes. Esse impacto fez com que despertasse na brasileira o desejo de organizar esse relato, considerando o relato de Domitila como a voz do povo boliviano que sofreu e ainda sofre por meio de diversas formas de exploração. O contexto da obra está a princípio centrado no cotidiano dos mineiros do acampamento Século XX e de suas famílias. No decorrer da narrativa, o que se destaca é a luta pelo direito do povo por meio da participação de Domitila Chungara no Comitê das Donas de Casa. Ademais, o que vemos é a denúncia política, econômica e social que a boliviana faz do governo de sua época.

## 2. Caminhos ao Sul:

Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações:

aprender que existe o Sul;

aprender a ir para o Sul;

aprender a partir do Sul e com o Sul

SANTOS *apud* SANTOS; MENESES. *Epistemologias do sul*, p.15.

Estar diante a fronteira geográfica que divide o Brasil da Bolívia nos leva a pensar na divisão abissal existente no universo. É comum ouvir e acreditar em um pensamento construído socialmente, de que do outro lado da linha (Bolívia) é apenas rota de comércio barato, ilegalidade e pobreza em todos os sentidos. A nociva consequência de tal pensamento é o desperdício de experiência social e redução da diversidade epistemológica, cultural e política do mundo, em especial do país aqui exposto.

Caminhar para o lado mais ao Sul que habitamos, um lado Sul metafórico, ou seja, do lado dos oprimidos pelas diferentes formas de dominação colonial e capitalista é um re-aprender e conhecer o lado de lá. Como dito na epígrafe que abre este texto, por meio da teoria e da geografia sabemos que existe o Sul, se dispor a ir para o lado Sul, e aprender a

*partir* do Sul e com o Sul é a condição necessária para aprender a desaprender e re-aprender as epistemologias do outro.

Para aprender *a partir* do Sul e com o Sul é necessário uma desobediência epistêmica, já proposta no início deste trabalho, um *aprender a desaprender, para así re-aprender* (MIGNOLO,2010,p.98) Buscamos um re-aprender uma gramática da fronteira-sul geográfica e sobretudo epistemológica de nosso lócus, gramática esta que hospeda e é hospedeira de tantos outros. Para uma possível compressão do que é a chamada gramática pedagógica da fronteira, Edgar César Nolasco discorre:

[...] dois caminhos que nos levariam a uma aproximação, ou porta de entrada, para a formulação e compreensão de uma gramática pedagógica fronteiriça: o caminho das *sensibilidades biográficas* (o corpo do divíduo fronteiriço, o aliado hospitaleiro, o sulista, o andariego, o pantaneiro, o bugre, o boliviano, o pantaneiro, o sulmatogrossense fronteiriços), que constituem a *corpo política*, e o das *sensibilidades locais* (a fronteira-sul epistemológica), que constituem a geopolítica (NOLASCO, 2019, p.12)

A gramática pedagógica da fronteira-sul defendida por Nolasco é tudo aquilo que não foi contemplado pela razão, lógica ou retórica da gramática impositiva moderna. Ou seja, uma gramática da *exterioridade*. As sensibilidades locais do corpo do divíduo fronteiriço, ou melhor, do corpo boliviano que buscamos resgatar são sensibilidades mais escuras possíveis. Tais corpos encontrados na exterioridade, no *afuera* do mundo, no “lado sombrio e pós-abissal, esquecido, vilipendiado pelo poder do estado e da nação, pelo poder do discurso moderno e das instituições atrozés da fronteira-sul”. (NOLASCO, 2019, p. 13-14) Walter Mignolo afirma que são nesses *loci* e com esses corpos marcados na/da exterioridade que o ato de desobediência emerge com mais força. O argentino no texto “Desobediência epistêmica” afirma:

[...] Os eventos no Equador nos últimos 10 anos, assim como os da Bolívia que culminaram na eleição de Evo Morales como presidente da Bolívia, são alguns dos sinais mais visíveis da atualidade de opção descolonial, embora as forças descoloniais e o pensamento descolonial existam nos Andes e no sul do México por quinhentos anos. (MIGNOLO, 2010, p. 291)

Na América do Sul, a exemplo, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas. Na Bolívia, o pensamento descolonial é fundamentado no quéchua e no aymara. Os divíduos optam por deixar de aceitar como opção única e exclusiva a matriz imperial que racializa pessoas, línguas e religiões. Boaventura de Sousa Santos menciona uma tensão existente entre a ciência, a filosofia e a teologia do lado da modernidade que ignora os conhecimentos populares, camponeses ou indígenas do outro lado da linha. Tais conhecimentos são irreais/invisíveis do lado de lá. Um, dos muitos exemplos de

acontecimentos públicos, que vai de encontro a essa impossibilidade de co-presença entre os dois lados da linha ocorreu no ano passado.

No mês de outubro de 2019, na Bolívia, o ex-presidente indígena Evo Morales, no qual governou o país entre os anos de 2006 a 2019 no partido político MAS (*Marcha hacia el Socialismo*), pertencente a projetos políticos que se desvinculam do quadro eurocêntrico da teoria política e da economia política, ao mesmo tempo que autorizam/conferem poderes a descolonização das subjetividades raciais colonizadas, procurou resgatar e dar visibilidade ao povo e a cultura indígena boliviana. Uma das conquistas de destaque em seu governo foi a conquista de um Estado Plurinacional.

Por meio do Estado Plurinacional, reconheceu-se constitucionalmente o sujeito “indígena originário camponês” e a sua inclusão na estrutura estatal e no âmbito público-político.<sup>4</sup> O argentino Walter Mignolo afirmou que o Estado reivindicado por indígenas e/ou afros é um horizonte que preza a pluriversalidade ante um abstrato universal empregado. No caso da Bolívia, a força da nação indígena estabeleceu um modo distinto e um modelo político descrito por Mignolo (2010) como o *movimento descolonial*:

O Estado pluri-nacional que os indígenas e os afros reivindicam fica nos Andes, é uma manifestação particular do maior horizonte de pluri-versalidade e o colapso de qualquer universal abstrato apresentado como bom para a humanidade inteira, sua própria similaridade. Isto significa que a defesa da similaridade humana sobre as diferenças humanas é sempre uma reivindicação feita pela posição privilegiada da política de identidade no poder. (MIGNOLO, 2010, p. 300)

Morales levou para o seu governo suas crenças e dentre elas a adoração à Pachamama (Mãe Terra), um símbolo máximo dos povos indígenas dos Andes, contrariando as fortes tradições católicas do país (herança dos colonizadores europeus). Após sua saída do poder, em meio a denúncias e supostas fraudes em sua reeleição, a autoproclamada presidente do país Jeanine Áñez, entrou no palácio presidencial da cidade de La Paz com uma Bíblia na mão.

---

<sup>4</sup>Cf. o texto “A história absolverá Evo Morales” de Boaventura de Sousa Santos.



Imagem 2: Jeanine Áñez entra no palácio presidencial com a bíblia na mão.

Fonte: <https://epoca.globo.com/disputa-por-poder-na-bolivia-opoe-religiao-catolica-tradicoes-indigenas-24084677>

A imagem 1 retrata o momento em que a atual presidente da Bolívia entrou no *Palácio Quemado* com uma bíblia na mão. Na ocasião ela chegou a dizer “A Bíblia volta ao palácio”. E esse não é um fato isolado, a presidente já é conhecida por aparecer com uma pequena bíblia em suas mãos. Uma nova linha abissal foi traçada dentro de um lócus que já sofre por estar do lado de lá da linha, a qual chamaremos de “linha abissal interna”.<sup>5</sup> O acontecimento recente reforça, uma vez mais, que de acordo com as epistemologias imperantes “o outro lado da linha alberga apenas práticas incompreensíveis, mágicas ou idolátricas” (SANTOS, 2010, p. 37). Esta diferença entre o cristianismo e as religiões ameríndias é traçada “pelo tempo e espaço, entre tempo e lugares, entre uma história lembrada e um lugar sagrado” (MIGNOLO, 2020, p. 131) Ocorrendo mais uma perda de autorreferência ontológica de saberes inferiores próprios de seres inferiores, ou seja, o próprio epistemicídio (SANTOS, 2010) de seus conhecimentos/cultura/crença locais de um mesmo país.

Diante do fato exposto, como ficará a situação do povo indígena na Bolívia? Se o governo imperante promover o resgate às tradições culturais e políticas coloniais, vamos presenciar, como em outros lugares, “a proibição do uso de línguas próprias em espaços públicos, da adoção forçada de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e

---

<sup>5</sup> Nomeamos de “linha abissal interna” a junção do conceito de pensamento abissal, de Boaventura de Sousa Santos e o conceito de colonialismo interno, de Walter Mignolo.

lugares públicos?” (SANTOS, 2010, p. 38) Essas perguntas estão longe de ter suas respostas. É sempre válido nos lembrarmos de que:

[...] É verdade, como mencionei antes e como todos sabem, que na mesma civilização de morte e terror, vozes críticas se levantaram para mapear as brutalidades de uma civilização construída sobre a retórica da salvação e do bem-estar para todos. (MIGNOLO, 2008, p. 295)

Sobre a retórica da salvação e do bem-estar para todos, muitos corpos foram explorados na construção da modernidade. A *opção descolonial*, de Mignolo ou a *gramática da fronteira*, de Nolasco reagem com a inserção do *bios*, com o próprio corpo, e “são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade” (MIGNOLO *apud* NOLASCO, 2019, p. 24) E a inserção do Sul, do *ser donde si piensa*, resgatando histórias locais de pessoas ignoras e expelidas da interioridade que cria um mundo *afuera*, a chamada exterioridade. Dentre tantos corpos expelidos e explorados resgatamos o trabalhador mineiro, que desde os tempos de colônia europeia sofrem/sobrevivem/morrem em tantas minas bolivianas. Na obra *Si me permiten hablar*, Domitila Chungara descreve a condição desse trabalhador:

Apenas 35 anos é o tempo de vida de um trabalhador de mineração. Então ele já está totalmente doente, com a doença da mina. Como muitos fazem explodir explosivos para extrair minerais, essas partículas de poeira são introduzidas nos pulmões, através da respiração, pela boca e pelo nariz [...] e, no final, jogam fora pedaços de pulmão e já morrem [...] (VIEZZER, 1999, p. 27).

Apesar de durante muitos anos manterem a economia do país, com seu suor e seu sangue, eles eram desprezados pela sociedade, por serem acusados de transmitirem o mal da mina para o resto da população. Poderíamos tentar imaginar na pele o sofrimento do trabalhador mineiro, que além da altitude, do cansaço físico e psicológico ainda sofre com as enfermidades resultantes de tantas horas dentro das minas. Por mais tentássemos, nos falta literalmente sentir e sangrar na própria pele as dificuldades encontradas dentro das minas, e isso nos faz ver/sentir a opção descolonial, a desobediência epistêmica e a gramática da fronteira como caminhos para uma civilização que comemora e preza a vida ao invés de tornar certas vidas dispensáveis para acumular riqueza e acumular morte. A imagem a seguir mostra o Cerro de Potosí visto da *Torre de la campaña de Jesús*:



Imagem 3: Cerro de Potosí  
Fonte: Acervo pessoal

A imagem 3 foi tirada no dia 17 de outubro de 2019 no Mirador da cidade de Potosí, único ponto turístico aberto para visitação durante a semana que antecedia as eleições no país. O Cerro de Potosí foi/  o símbolo da exploração colonial na Bolívia. Muitos dizem que com tanta riqueza retirada do país daria para construir uma ponte de ida para a Europa, e com os corpos daqueles indígenas que morreram para sustentar a riqueza europeia dava para construir uma ponte s  de ida e outra s  de volta com seus restos mortais.

### 3. Conclusões

Como apresentado no decorrer do trabalho   necessário que se exerça as práticas teóricas subalternas que surgem da borda, da margem, da fronteira, que possibilitam o barrar das histórias, as teorias e as críticas que hoje caracterizam as práticas acad micas cristalizadas. Os sofrimentos causados pela imposição de um pensamento cristalizado estão vivos nos corpos e nas mentes dos habitantes fronteiriços, as memórias destes são como feridas em seus corpos. Falar do testemunho da América Latina é falar de um testemunho que

vive na exterioridade do testemunho da Europa. De nossa fronteira Sul, precisamos repensar e reconceitualizar nossos discursos para que nossas histórias locais que emergem da fronteira tornam-se reflexão crítica a partir desse lócus.

### Referências

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de ciências sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

NOLASCO, Edgar C. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul: exterioridades. *Cadernos de estudos culturais: pedagogias descoloniais*, v.1, n. 21, p. 09-29, 2019.

NOLASCO, Edgar C. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplina. In: *Cadernos de estudos culturais: tendências artísticas do século XXI*, v.1, n. 19, p. 09-21, 2018.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEZZER, Moema. *Si me permiten hablar*. México: Siglo XX, 1999.